



## **A publicidade mente, certo?<sup>1</sup>**

Hans Peder BEHLING<sup>2</sup>

FURB – Universidade Regional de Blumenau  
UNIVALI – Universidade do Vale do Itajaí

Mariana Maciel FRIGERI<sup>3</sup>

UNIVALI – Universidade do Vale do Itajaí

### **RESUMO**

Este artigo apresenta uma pesquisa teórica sobre filosofia da linguagem com o objetivo de analisar como os critérios da verdade se transformaram ao longo do tempo e como isto pode ser proveitoso nos estudos da comunicação. Os estudos desenvolveram-se a partir de uma pesquisa bibliográfica exploratória envolvendo questões que emergem no uso da comunicação e da linguagem como verdade e critérios de validação do conhecimento, teorias da significação e da representação. Entre os principais resultados na busca da superação destes paradigmas, o trabalho apresenta a teoria da triangulação do neo-pragmatismo.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Verdade, Comunicação, Neo-pragmatismo, Publicidade.

### **INTRODUÇÃO**

O principal objetivo deste trabalho foi entender como a noção de o objetivo de analisar como os critérios da verdade se transformaram ao longo do tempo e como isto pode ser proveitoso nos estudos de Comunicação, Publicidade e Propaganda. A idéia é criar um mapa conceitual, para comparar e analisar como os critérios da verdade se transformaram e como a teoria do conhecimento foi abordada e estudada em diferentes momentos da história. Por isso, fez-se um recorte, utilizando três períodos da história da filosofia da linguagem: O período Clássico (onde são analisadas as teorias do conhecimento de Sócrates, Platão e Aristóteles); o período Moderno (entrando nas correntes Racionalista de René Descartes e Empirista de John Locke e a Filosofia Transcendental proposta por Immanuel Kant); o período Contemporâneo (com o pragmatismo de Peirce e o neo-pragmatismo de Rorty).

A pesquisa resultou numa espécie de mapa conceitual que apresenta noções sobre a verdade, sobre os critérios que tornam um conhecimento verdadeiro, sobre a relação

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática 08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação, evento componente do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

<sup>2</sup> Mestre em Ciências da Linguagem (UNISUL) e Graduado em Publicidade e Propaganda (FURB). Atualmente é professor universitário de faculdades de comunicação e moda em Santa Catarina, e-mail: hanspeda@terra.com.br

<sup>3</sup> Graduada em Curso Comunicação Social (Publicidade e Propaganda) na UNIVALI



geral destas noções de verdade com a Comunicação, e uma tentativa de aproximação destas noções com as especificidades da área de Publicidade e Propaganda.

Acredita-se que este trabalho deve interessar aos estudantes e profissionais da área de Comunicação Social, já que o resultado possibilita análises de processos e peças publicitárias a partir de diversos fatores relacionados à verdade.

## **VERDADE E FILOSOFIA**

Para Cotrim (1999) o conhecimento é a busca pela verdade e um dos principais problemas filosóficos desde o período clássico.

Como podemos ter a pretensão de explicar o mundo se não sabemos se somos capazes de saber? Ou se o conhecimento do mundo é possível? [...] Quantas coisas que acreditamos conhecer com certeza hoje, não serão desmentidas amanhã? O que me dá certeza que o que eu chamo de vermelho não é azul para você? Em respostas à essas questões, os filósofos tentaram definir as estruturas do pensamento. Investigaram as condições de um conhecimento seguro e verdadeiro. (COTRIM, 1999, p.68)

Existem tantas teorias do conhecimento quanto filósofos que se preocuparam com o problema, pois “é impossível constatar uma coincidência total de concepções mesmo entre filósofos que habitualmente são classificados dentro de uma mesma escola ou corrente.” (COTRIM, 1999, p.69). Mas afinal, o que é o conhecimento?

Para que haja conhecimento, para que haja verdade, sempre será necessária a relação entre dois elementos: o sujeito e o objeto. O conhecimento existirá desde que o sujeito consiga apreender o objeto e, conseqüentemente, representá-lo mentalmente (COTRIM, 1999).

Para o autor, as duas principais correntes (antagônicas) da filosofia são o ceticismo e o dogmatismo. Ambas caracterizam-se pela importância dada ao sujeito ou ao objeto, e o conhecimento se desenvolveu nos períodos filosóficos, cada qual, adequado e aproximado a uma das duas correntes. Na próxima seção, expõe-se o período clássico da filosofia e as principais teorias sobre o conhecimento da época.

## **NOÇÃO CLÁSSICA DE VERDADE**

Segundo Chauí (1993), o período clássico da filosofia ocidental foi marcado pelo desenvolvimento de intensa vida cultural e artística em Atenas, e os pensadores desse período desenvolveram um “enfoque antropológico, abrangendo a moral e a política” (CHAUÍ, 1993, p. 93). A autora afirma que os principais filósofos do período clássico



foram Sócrates, Platão e Aristóteles, além dos sofistas. Chauí (1993) relata que esses últimos eram considerados professores da sabedoria (promoviam um ensino itinerante e não se fixavam em lugar algum), para eles tudo é relativo (não havia verdade absoluta), assim era possível notar a concepção de flexibilidade nas idéias humanas.

Já Sócrates, baseava-se no ceticismo para formular suas teses filosóficas. Considerado como o homem que sabia perguntar, o seu método para buscar a verdade consistia em duas etapas: o questionamento e a concepção de novas idéias (COTRIM, 1999). O autor afirma que a partir da máxima – sei que nada sei – Sócrates destruía a verdade conhecida e posteriormente definia um novo conceito para essa verdade.

Seu método começa pela parte considerada destrutiva, chamada ironia (em grego, 'perguntar'). Nas discussões afirma inicialmente nada saber, diante do oponente que se diz conhecedor de determinado assunto. Com hábeis perguntas, desmonta as certezas até o outro reconhecer a ignorância. Parte então para a segunda etapa do método [...] 'dava à luz' idéias novas (CHAUÍ, 1993, p.95)

Percebe-se que a intenção de Sócrates, era levar as pessoas a entrar em contradição, para que problematisassem e refletissem a respeito das verdades que possuíam até então, levando as pessoas a perceber que o conhecimento é ilimitado. Sócrates, que foi condenado à morte por não acreditar nos deuses e corromper a mocidade, não deixou nada escrito e foi considerado por Platão como o “mais sábio e mais justo dos homens” (CHAUÍ, 1993, p.106). A autora afirma que Platão foi discípulo de Sócrates e fundador da escola filosófica conhecida como Academia, (uma das primeiras instituições de ensino superior do mundo ocidental, uma espécie de universidade, voltada a estudos científicos e filosóficos). Cotrim (1999) observa que para Platão, a verdade se desenvolve por meio da passagem progressiva do mundo das aparências e sombras para o mundo das essências e das idéias. Essa teoria é descrita através do mito da caverna.

Platão imagina uma caverna onde estão acorrentados os homens desde a infância, de tal forma que, não podendo se voltar para a entrada, apenas enxergam o fundo da caverna. Aí são projetadas as sombras das coisas que passam as suas costas, onde há uma fogueira. Se um desses homens conseguisse se soltar das correntes para contemplar à luz do dia os verdadeiros objetos, quando regressasse, relatando o que viu aos seus antigos companheiros, esses o tomariam por louco, não acreditando em suas palavras. (CHAUÍ, 1999, p.95)

Chauí (1993) afirma que por meio desse mito, Platão separa o mundo sensível, ou seja, o mundo das idéias, do mundo inteligível, o mundo real, da matéria. Em seu método, a primeira etapa para conhecer a verdade é baseada nas impressões causadas pelos



sentidos. Essas impressões que fazem parte do mundo sensível, “são responsáveis pela opinião que temos da realidade.” (COTRIM, 1999, p.107). Porém, essa verdade, esse conhecimento, para ser validado e autêntico, como afirmado por Cotrim (1999), deve ultrapassar o mundo sensível, o plano das opiniões e se instalar no mundo inteligível, da sabedoria. Ao rejeitar a experiência e adotar o inatismo, ou seja, a possibilidade de existirem idéias independentemente da experiência, Platão “estabelece um mundo dualista [...] caracterizado pelo corte epistemológico corpo – alma, homem – mundo, inteligível – sensível” (BEHLING, 2006, p.23). No mundo platônico o homem está em contato com duas realidades: inteligível (imutável, ideal, perfeita) e sensível (mutável, material, imperfeita, uma reprodução da realidade das idéias). (COTRIM, 1999).

Aristóteles rejeita o idealismo platônico e retoma a problemática do conhecimento e da busca pela verdade (COTRIM, 1999). Aristóteles “considera os sentidos e experiência; nega as categorias universais; aceita tanto conhecimentos sensíveis quanto inteligíveis [...]” (BEHLING, 2006, p.23). Para Chauí (1999), Aristóteles se preocupa em definir a ciência como sendo o conhecimento, mostrando que a maneira de se alcançar a verdade, é através da inteligência das pessoas. Esse conhecimento adquirido superaria os enganos da opinião, demonstrando a negação do filósofo à separação dos mundos proposta por Platão. Nota-se que foi durante o período clássico que a filosofia adquiriu o interesse na relação entre os seres humanos e sua vida social.

Na próxima seção será apresentado o período moderno. É possível afirmar que neste período a razão serviu de fio condutor para os desenvolvimentos em filosofia da linguagem.

## **NOÇÃO MODERNA DE VERDADE**

Conforme afirma Cotrim (1999) foi a partir da Idade Moderna que a teoria do conhecimento ganhou destaque, fixando-se como uma das disciplinas centrais da filosofia. Para esse processo de valorização da teoria do conhecimento colaboraram de forma decisiva as obras do filósofo francês René Descartes, do filósofo inglês John Locke e do filósofo alemão Immanuel Kant. As principais reflexões, além da eterna busca pela verdade e pelo conhecimento, foram a respeito do ser. Segundo Cotrim (1999) até então a filosofia possuía uma atitude realista e a Idade Moderna foca no sujeito as questões acerca do conhecimento. Agora a filosofia encarava novas questões referentes à teoria do conhecimento. “Um dos problemas que a teoria do conhecimento terá que propor e solucionar é aquele de saber quais são os critérios, as maneiras, os



métodos de que se pode valer o homem para ver se um conhecimento é ou não verdadeiro” (MORENTE, 1970, p.146)

Cotrim (1999) afirma que como resposta à tentativa de solucionar os problemas envolvendo a teoria do conhecimento, surgem as duas principais correntes filosóficas do período moderno: o racionalismo e o empirismo. A primeira utiliza a razão como a principal fonte para conhecer a realidade, a outra defende que o conhecimento provém de experiências sensoriais.

Considerado o pai da filosofia moderna e representante do racionalismo, René Descartes busca por um método para encontrar a verdade que não possa ser colocada em dúvida. “A procura da maneira de evitar o erro faz surgir a principal característica do pensamento moderno: o método.” (CHAUÍ, 1999, p.104). A autora afirma que para Descartes, conhecer a verdade era, inicialmente, duvidar de todos conhecimentos e verdades, para posteriormente analisar se existe algo que se possa ter certeza de fato. Chauí (1993) afirma que a máxima – penso, logo existo – é o ponto de partida para a construção do pensamento cartesiano. Nesse método, o pensar, passa a ser a base de validação de uma idéia. Nota-se uma valorização da razão, do intelecto, elegendo o sujeito como o começo das evidências. Cotrim (1999) conclui que Descartes era adepto do ceticismo e apresenta o método cartesiano baseado em quatro regras:

1. Regra da Evidência: Só aceitar algo como verdadeiro, desde que seja absolutamente evidente por sua clareza e distinção.
  2. Regra da análise: Avaliar cada uma das dificuldade surgidas em tantas partes quantas forem necessárias para resolve-las melhor.
  3. Regra da síntese: Ordenar o raciocínio dos problemas mais simples para os mais complexos.
  4. Regra da enumeração: Realizar verificações completas e gerais para se ter absoluta segurança de que nenhum aspecto do problema foi omitido.
- (COTRIM, 1999, p.154)

Para Descartes o conhecimento verdadeiro só se dava através do trabalho lógico da mente. “Nunca nos devemos deixar persuadir senão pela evidência de nossa razão” (DESCARTES apud COTRIM, 1999, p.74). A partir dos conceitos elaborados por Descartes, pode-se completar que para os racionalistas, o raciocínio é a operação que define se um conhecimento é ou não verdadeiro.

Já o empirismo, como afirma Cotrim (1999), estuda o conhecimento e a busca pela verdade a partir de suas origens psicológicas. Para Locke a verdade se adquire a partir de experiências, tentativas e erros. Conforme Chauí (1993) esse conceito é descrito como Tabula Rasa, quando Locke afirma que a mente é como uma folha de papel em



branco, sem nenhuma inscrição e que é a partir das experiências que essa folha vai sendo preenchida. A autora afirma que apesar de concordar que o conhecimento de algumas verdades aparecem bem cedo na mente, John Locke, diferentemente de Descartes não vê a possibilidade de as idéias gerais e a razão serem inatas, ou seja, já nascerem com o indivíduo. Dessa forma, tem-se de um lado o racionalismo, que justifica a razão como fonte do conhecimento, percebendo o mundo através de idéias claras e distintas. E de outro, o empirismo, que atribui às experiências o critério de validação de um conhecimento. O último filósofo a ser estudado e que, conforma Cotrim (1999) contribuiu para a valorização do estudo das teorias do conhecimento moderno é Immanuel Kant. Filósofo alemão, Kant desenvolveu um novo pensamento que surgiu da contradição das duas correntes da filosofia moderna. “A invenção da mente é a questão central de Descartes, porém, somente Kant irá responder como esta mente funciona, como ela opera, como produz o conhecimento.” (BEHLING, 2006, p.27)

Para Chauí (1993), o principal questionamento de Kant era a respeito da natureza do conhecimento do ser humano. Indagando se o conhecimento é possível através da razão sem interferência da experiência, o método de Kant fica conhecido como o criticismo, onde o conhecimento se dá através da análise reflexiva, da crítica. “Kant coloca a razão num tribunal para julgar o que pode ser conhecido legitimamente e que tipo de conhecimento não tem fundamento.” (CHAUÍ, 1993, p.113). Kant considera a filosofia de Descartes um caminho seguro mas não concorda com os racionalistas e também condena os empiristas. Para superar essa contradição, Kant explica duas formas básicas do ato de conhecer: Os conhecimentos *a priori*, teóricos, universais e necessários, aqueles que são derivados da experiência, e os conhecimentos *a posteriori*, empíricos, aqueles que são constatados somente através da experiência. (BEHLING, 2006, p.28) Além de separar os conhecimentos que dependem dos que não dependem da experiência, Kant, como afirma Cotrim (1999), difere os juízos analíticos – que produzem conhecimento – dos sintéticos, que são condicionados ao tempo e ao espaço em que se deu a experiência. Dessa forma, o juízo analítico teria base *a priori*, enquanto o sintético *a posteriori*. O autor, completa, afirmando que o pensamento kantiano é conhecido como idealismo transcendental.

Para Kant, as pessoas não conhecem a verdade das coisas em si mesmas, somente como elas as percebem. Compreende-se que os critérios de verdade durante o período moderno da filosofia eram baseados na razão e foi ela quem iniciou as duas principais



correntes filosóficas do período moderno. Na próxima seção os critérios de verdade serão analisados sob enfoque da filosofia contemporânea.

### **NOÇÃO CONTEMPORÂNEA DE VERDADE**

Segundo Chauí (2000), a filosofia contemporânea vai de meados do século XIX até os dias atuais e por estar próxima, é difícil analisá-la em sua generalidade. A autora diz que no século XX, a filosofia foi submetida a uma limitação quanto à esfera de seus conhecimentos, reduzindo-se portanto, à teoria do conhecimento, à ética e a epistemologia. Como consequência dessa redução, “os filósofos passaram a ter um interesse primordial pelo conhecimento das estruturas e formas de nossa consciência e também pelo seu modo de expressão, isto é, a linguagem” (CHAUÍ, 2000, p.39).

Duas correntes preocupadas com esta abordagem serão apresentadas nas seções seguintes: o pragmatismo e o neo-pragmatismo.

### **PRAGMATISMO E VERDADE**

James (1979) afirma que, para tentar resolver questões de teoria do conhecimento, alguns membros da Sociedade Metafísica de Cambridge, entre eles Charles Peirce, fundaram a base do que se tornaria a filosofia pragmatista. Segundo o autor, Peirce é considerado o real criador do pragmatismo, principalmente por ter se sobressaído entre os outros membros da Sociedade Metafísica. Segundo Behling (2006) a filosofia pragmatista constitui-se por três grandes áreas: a Fenomenologia; as Ciências Normativas; e a Metafísica.

A fenomenologia se dedica ao estudo dos fenômenos, considerando-se que fenômenos são as experiências humanas, que ocorrem a todo tempo e envolvem os sentidos dos indivíduos. As ciências normativas abrangem três áreas: a estética, que define os gostos, ou seja, aproxima as pessoas do que elas gostam ou não; a ética, que relacionada a moral e a conduta; e a lógica que é o modo de raciocínio e de coerência nas idéias dos indivíduos. Já a terceira estrutura estuda os fundamentos da realidade e do conhecimento. A partir de Peirce (2003) é possível afirmar que o pragmatismo é marcado não pela verdade, mas pelo hábito que relaciona o símbolo com o objeto, num esquema de representações: o hábito é o principal fator que direciona os conhecimentos do indivíduo.

O pragmatismo “procura um método que determine o significado real de qualquer conceito.” (PEIRCE, 2003, p.193). Conforme o autor, a principal proposta dessa



filosofia é estabelecer um método de determinação dos significados dos conceitos intelectuais, de onde pode resultar o raciocínio.

Questionando o cartesianismo, Peirce (2003) afirma que “devemos começar com todos preconceitos que realmente temos quando encetamos o estudo da filosofia” (PEIRCE, 2003, p.259) e não pela dúvida completa. O autor ainda afirma que: No decorrer de seus estudos, é verdade, uma pessoa pode achar razões para duvidar daquilo que começa acreditando, mas neste caso ela duvida por que tem uma razão positiva para tanto, e não em virtude da máxima cartesiana. “Não pretendemos duvidar filosoficamente daquilo de que não duvidamos em nossos corações” (PEIRCE, 2003, p. 260) Conforme Peirce (2003) a filosofia deveria proceder a partir de premissas tangíveis, que possam “ser submetidas a um exame cuidadoso e confiar antes no grande número e na variedade de seus argumentos do que no caráter conclusivo de um argumento qualquer.” (PEIRCE, 2003, p.260). Para opor-se ao cartesianismo, o autor descreve quatro negativas:

1. Não temos poder algum de introspecção, mas sim todo conhecimento do mundo interno deriva-se por raciocínio hipotético de nosso conhecimento dos fatos externos.
  2. Não temos poder algum de intuição, mas sim toda cognição é determinada logicamente por cognições anteriores.
  3. Não temos poder algum de pensar sem signos.
  4. Não temos concepção alguma do absolutamente incognoscível.
- (PEIRCE apud BEHLING, 2006, p.31)

Peirce (2003) ainda define duas principais funções que devem ser exigidas do pragmatismo. A primeira é que essa filosofia deveria “desembaraçar-nos rapidamente de todas as idéias essencialmente obscuras” (PEIRCE, 2003, p.237) e a segunda função é a de “ajudar a tornar distintas idéias essencialmente claras, mas cuja apreensão é mais ou menos difícil.” (PEIRCE, 2003, p.237). Para o autor, os problemas seriam simplificados se “em vez de dizer que desejar conhecer a verdade, você dissesse simplesmente que deseja alcançar um estado de crença inatacável pela dúvida.” (PEIRCE, 2003, p.289) O autor afirma que a crença é um hábito da mente em grande parte, inconsciente. Já a dúvida é descrita pelo autor como a privação de um hábito que, a fim de ser alguma coisa, necessita ser superado por outro hábito. Peirce (2003) ainda afirma que aquilo em que se acredita hoje, pode ser completamente desacreditado amanhã. O autor cita duas coisas que devem ser lembradas: A primeira é que uma pessoa não é, em absoluto, um ser individual. Seus pensamentos são aquilo que ela está “dizendo à si mesma”, ou seja, aquilo que está dizendo ao outro ego que está surgindo [...] A segunda coisa a lembrar é que o círculo de sociedade de alguém [...] é uma espécie de pessoa frouxamente compactada e, sob alguns aspectos, de um grau mais





elevado do que a pessoa de um organismo individual. São essas duas coisas apenas que tornam possível ao leitor [...] distinguir entre a verdade absoluta e aquilo de que o leitor não duvida. (PEIRCE, 2003, p.290) O autor afirma que o pragmatismo é a filosofia do homem, uma filosofia que “pervarde o corpo todo” (PEIRCE, 2003, p.311) e não só a cabeça. Sua principal função é organizar as experiências, traçando suas conseqüências práticas. A filosofia pragmatista de Peirce é um método de esclarecimento de conceitos e “uma teoria da significação que situa-se nos terrenos da lógica.” (BEHLING, 2006, p.33).

A verdade constitui-se dos hábitos do indivíduo e não está fora dele: idéias verdadeiras são aquelas que o indivíduo pode assimilar, validar, corroborar e verificar e agir. As idéias falsas são aquelas que impedem a ação do indivíduo. Essa é a diferença prática que faz o indivíduo ter idéias verdadeiras; esse, portanto, é o significado da verdade, pois é tudo como pode ser conhecida a verdade (JAMES, 1979, p.72). Para o autor, a verdade está em constante movimento, ou seja, não é uma idéia estagnada, pois uma idéia é “feita verdadeira pelos acontecimentos [...] é um evento, um processo.” (JAMES, 1979, p.72). Seguindo seu raciocínio, o autor afirma que a validade da verdade é o seu próprio processo de validação. Como afirma James (1979) é de extrema importância para a humanidade possuir crenças verdadeiras e para ele “a posse da verdade, longe de ter um fim em si, é somente um meio preliminar em direção a outras satisfações vitais.” (JAMES, 1979, p.73). O autor considera que o valor das idéias verdadeiras é proporcional à importância prática de seus objetos em determinado momento. Entretanto, James (1979) afirma que é importante, ter um estoque de verdades extras, pois nunca se sabe quando essas verdades serão importantes ou relevantes. O processo é sempre o mesmo. O indivíduo já tem um estoque de velhas opiniões, mas se depara com uma nova experiência que as põe em processo de triagem. Alguém as contradiz; ou então, em um momento de reflexão, descobre que elas é que se contradizem umas com as outras; ou toma conhecimento de fatos com os quais são incompatíveis; ou surgem desejos que elas deixam de satisfazer. O resultado é uma perturbação íntima, à qual até então o seu espírito tinha sido estranho, e da qual procura escapar modificando a sua massa prévia de opiniões. O indivíduo salva o máximo que pode, pois nesse assunto de crença o ser humano é ao extremo conservador. Assim, tenta primeiro trocar essa opinião, e depois aquela (pois resistem à mudança com muita variedade), até que, por último, algumas idéias novas surgem, as quais pode enxertar no estoque velho, com o mínimo de distúrbio para esse último, algumas idéias que medeiam entre o estoque e a



nova experiência e que as conduzem umas às outras, com facilidade e expeditamente. (JAMES, 1979) Segundo o autor todas as verdades são verbalmente estruturadas e portanto “devemos falar apropriadamente, tanto quanto devemos pensar apropriadamente pois tanto na fala quanto no pensamento lidamos com espécies.” (JAMES, 1979, p.77). Para o autor a verdade é um “nome coletivo para o processo de verificação” (JAMES, 1979, p.78), ou seja, é feita, elaborada, uma invenção.

Segundo as colocações de Peirce e James, a questão colocada pelo pragmatismo é se as novas experiências vividas pelas pessoas, somadas àquelas anteriores, alteram o valor das experiências gerais que do sujeito. Dessa forma, observa-se que o pragmatismo encara a verdade, a realidade e até mesmo o mundo, como algo em constante movimento, em constante mutação e, quem tem o poder de realizar essas mudanças na realidade é o ser humano que sempre a modificará para seu próprio bem.

O pragmatismo, segundo Peirce (2003) chama de experiência, todas as crenças presentes na cultura de uma sociedade e as relações que ela mantém com as práticas sociais. Apesar de compartilharem algumas idéias, fica claro que existem alguns pontos divergentes nas teorias pragmatistas de Peirce e James. O que é essencial para James (1979) na formação do conceito de verdade, é o processo que conduz à realidade e àquilo que tem utilidade nessa realidade e essa realidade de modifica cada vez que uma nova experiência é adicionada. Para o autor, as teorias e concepções nada mais são do que modos mentais de adequações à realidade. Já para Peirce (2003) a verdade e a realidade podem ser atingidas apenas ao final de um longo processo de investigação, quando a opinião final dos investigadores tomam um mesmo rumo, caracterizando a verdade (realidade como um resultado final dessas investigações).

Se o pragmatismo embasa suas investigações na noção de experiências e crenças, o neo-pragmatismo (que será estudado na seção seguinte) substitui o conceito de experiência pelo conceito de linguagem (RORTY, 1994).

### **NEO-PRAGMATISMO E VERDADE**

O período áureo do pragmatismo foi nas primeiras décadas do século XX, porém, após se irradiar para a Europa, a filosofia pragmatista foi encoberta pela filosofia analítica — abrangendo o positivismo lógico, o atomismo e a filosofia da linguagem. Porém, em 1979 Richard Rorty publica *Philosophy and the mirror of nature* (filosofia e o espelho da verdade) livro que, como afirma Pogrebinschi (2006), constitui um marco e faz ressurgir o pragmatismo. Rorty acreditava que esse novo pragmatismo não deveria ser

apresentado como uma teoria, ou como uma filosofia, porém, foi por meio da filosofia que as idéias do autor passaram a ser conhecidas como neo-pragmatismo (POGREBINSCHI, 2006). Segundo a autora foi o próprio Rorty que se intitulou neo-pragmatista, iniciando o desenvolvimento de obras que passaram a ser propriamente chamadas de neo-pragmatista.

Segundo estudos anteriores, o neo-pragmatista não destaca teoria de prática (BEHLING, 2006). E, “apesar de haver causas para a obtenção de crenças (incluindo a retenção e mudança das mesmas) não há causas para a verdade das crenças” (RORTY apud BEHLING, 2006, p.53). Para Rorty (1994) não existe um ponto de validação externo – como a mente ou um deus por exemplo – e que o diálogo intercultural é o principal critério para estabelecer verdades. Já para Kuhn (1999), a noção de verdade são os paradigmas, ou ciências normais. O autor afirma que no momento da pesquisa científica o cientista acaba condicionado pelo meio (o mundo científico que o rodeia). O olhar do cientista é educado, só consegue olhar de determinada maneira. Para Kuhn (1999) o cientista trabalha dentro de um paradigma com o objetivo de resolver problemas até então não resolvidos, ou resolvê-los de uma maneira diferente. O autor diz que os paradigmas surgem, se estabelecem, e são abandonados por conta de diversos problemas não resolvidos. Naturalmente, outros paradigmas surgem e se fundamentam para substituir os paradigmas antigos.

Para Rorty (1994) a filosofia não é a busca pela verdade ou certezas, e sim apenas um estilo de literatura. Para o autor, não existe uma linguagem que possa ser considerada única. Segundo Rorty (1994) qualquer objeto deve ser descrito a partir de suas relações com a consciência, com a linguagem e principalmente com as necessidades humanas. Para ele, nada pode ser descrito como seria em sua essência, apenas racionalmente, pois não se pode conhecer nada a respeito de um objeto a não ser na rede de relações infinitas que ele mantém com outros objetos. Rorty (1994) conclui que o que interfere e direciona essas relações entre os objetos e as pessoas, é justamente a linguagem. O autor observa que se os objetos não podem ser descritos em sua essência, tampouco podem ser os seres humanos. Estes, como os objetos, só podem ser descritos a partir das relações com outros seres humanos e com os objetos (triangulação). Mais uma vez, o autor evidencia a linguagem, por ser ela o que torna o padrão de relação dos seres humanos singular e único. Percebe-se que é justamente essa importância dada à linguagem, que afasta o Neo-pragmatismo de Rorty do Pragmatismo de Peirce e James, pois, nessa última teoria filosófica, a linguagem é apenas uma parte constituinte do

conceito amplo de experiência. Para Rorty (1994) não há nenhuma teoria, nenhum conceito, critério ou verdade, que não tenha sido criado pelos próprios seres humanos.

## ESTUDO DE CASO

Como os meios de comunicação são a principal fonte de transmissão das verdades sobre a beleza, neste estudo de caso, pretende-se identificar quais são os critérios de verdade, referentes à beleza, que são transmitidos por uma peça publicitária. Para responder qual é a verdade sobre a beleza que está sendo transmitida pela mídia nos dias atuais, escolheu-se uma peça de um salão de beleza localizado na cidade de Balneário Camboriú. A peça escolhida para análise é uma peça eletrônica (VT de 30” de duração), produzida para o *New Hair Institute*, salão de beleza localizado na cidade de Balneário Camboriú. O vídeo de lançamento do empreendimento na cidade, foi desenvolvido pela agência Inteligência Marketing, também localizada em Balneário Camboriú. O estudo de caso foi realizado em três etapas: (1) extrato de vídeo e decupagem de áudio; (2) análise com base nas diferentes abordagens teóricas apresentadas na revisão bibliográfica; (3) considerações.



**Figura 01: Extrato de vídeo (VT de 30” do *New Hair Institute*)**  
**Fonte: Imagens cedidas por Leonardo Augusto Felippi**

O dia a dia das mulheres tem sido uma correria e toda mulher precisa de um tratamento especial. O segredo da beleza está na mão de bons profissionais. Agora no Balneário Camboriú Shopping, *New Hair Institute*.

**Quadro 01: Decupagem de áudio (VT de 30” do *New Hair Institute*)**  
**Fonte: Arquivo dos autores**

<b>Visão Clássica</b>	
Sócrates: Sei que nada sei, ceticismo, destrói o conhecimento e dá a luz a uma nova verdade.	Sócrates destruiria as verdades expostas no comercial, onde vários questionamentos seriam possíveis: dia a dia só das mulheres está corrido? E os homens? E as mulheres que não tem o dia a dia corrido? As mulheres que não podem frequentar um salão de beleza são feias? Qual é o segredo da beleza? Existe um segredo da



	beleza? A mulher que faz seu próprio cabelo, cuida das próprias unhas não é bela? A partir da desconstrução dessas verdades, novas idéias surgiriam, tomando lugar das antigas. E assim sucessivamente.
Platão: separação dos mundos inteligível (material) e sensível (mundo das idéias), mito da caverna. Verdade é a passagem do mundo sensível para o mundo inteligível.	A verdade sobre as afirmações deve passar pelo mundo do real e do imaginário. A verdade sobre o belo está nas idéias, do que imagina-se que ele seja. O padrão de beleza tido na sociedade como o ideal é o que as pessoas imaginam que o belo seja, porém, esse padrão nem sempre corresponde à realidade. Esse conceito é evidente principalmente em peças publicitárias do segmento da beleza, que idealizam um tipo de beleza que nem sempre é real. No caso do comercial, as afirmações podem ser questionadas, pois a imagem que se tem ao assistir a peça pronta é diferente da realidade já que além de produções de maquiagem, vestiário e efeitos de luz, o vídeo, passou por tratamento de imagem.
Aristóteles: Verdade baseada no conhecimento, inteligência dos indivíduos, negação da opinião.	Para Aristóteles, a afirmação de que o segredo da beleza encontra-se nas mãos de bons profissionais seria logo questionada, pois, para esse filósofo, a inteligência e conhecimento das pessoas seria capaz de elaborar em suas mentes a verdade sobre a beleza. Elaborar a verdade sobre a beleza de uma forma dedutiva, através de uma estrutura lógica que partiria da experiência. Os receptores iriam relacionar as suas experiências antigas com as informações recebidas pela peça, para assim, validá-las.
<b>Visão Moderna</b>	
Descartes: método, a verdade é o raciocínio, penso, logo existo, duvidar de tudo para depois ver no que se pode acreditar. o trabalho da mente, idéias inatas. Método cartesiano, 4 pilares: evidência, análise, síntese e enumeração.	Primeiramente, deve-se duvidar de todas afirmações contidas no comercial. Após, se construiria uma análise racional e criteriosa para verificar o valor de cada afirmação. O fator que faria o receptor da mensagem absorver um padrão de beleza como uma verdade, seriam evidências racionais.
Locke: experiências, psicologia, rejeição do inatismo, a verdade só é possível através da experiência.	Para a corrente empirista, as pessoas deveriam conhecer e passar por diversas experiências referentes à beleza, para definir em qual verdade acreditar. As experiências anteriores seriam utilizadas para avaliar e julgar as informações contidas na peça.
Kant: criticismo, dois tipos de conhecimento: <i>a priori</i> (teóricos, universais, derivados da experiência) <i>a posteriori</i> (possíveis somente através da experiência, empíricos). As pessoas não conhecem a verdade das coisas em si mesmas, somente como elas as percebem.	As afirmações da peça seriam analisadas em duas etapas. Primeiro a validação das afirmações seria feita baseada em conhecimentos universais, nesse caso, considerando-se os padrões de beleza da sociedade contemporânea. Na sequência a análise se constituiria em validar as afirmações baseadas nos conhecimentos empíricos, levando em conta as experiências que o receptor já teve e que podem influenciar no processo de compreensão da mensagem. As experiências, gostos pessoais sobre a beleza.
<b>Visão Contemporânea</b>	
Peirce: Representação da realidade, hábito, crenças, troca, sobreposição de crenças. Para o pragmatismo, o que constitui a verdade é o hábito.	Para o pragmatismo, o que constitui a verdade é o hábito. Os padrões de beleza existem pois as pessoas acreditam neles. Ou seja, o belo é belo pois as pessoas se condicionaram a acreditar que é belo. Portanto, a validação das afirmações, dependerá também da importância que elas tiverem na vida do receptor da mensagem em determinado momento. A mudança dos padrões de beleza é um processo de substituições de crenças, mudanças de hábitos. Portanto, a verdade percebida no comercial faria parte desse processo, ou seja, o padrão de beleza do comercial seria substituído por outro, em algum momento no futuro. O padrão da menina loira, alta, magra, que necessita de profissionais cuidando de sua beleza e que só será bela se utilizar desses serviços, futuramente será substituído por outro que será tido como verdade durante um determinado período de tempo (trata-se de signos estudados na semiótica peirceana).



Rorty: Verdade se dá através do diálogo e comunhão e comunicação entre seres humanos; todas as verdades, teorias e conceitos foram criados pelos seres humanos.	Todas as formas, padrões e verdades sobre a beleza, foram criados e definidos pelos seres humanos. Os critérios sobre a verdade da beleza se constroem com o diálogo, com experiências, ou seja, através de trocas proposicionais. As pessoas devem dialogar e entrar em acordo sobre o que é belo ou não, criticando a verdade exposta pela mídia. A verdade sobre a beleza seria alcançada através da comunhão, comunicação, troca e acordo entre os indivíduos.
---	--

**Quadro 02: Comparativo das noções de verdade no anúncio**  
**Fonte: Arquivo dos autores**

É possível afirmar que os conceitos apresentados nesta análise poderiam servir para analisar qualquer peça publicitária. Partindo da idéia de que a verdade não pode ser considerada absoluta, entende-se que os critérios para validação das afirmações contidas nos argumentos imagéticos e textuais das peças publicitárias variam de acordo com inúmeros fatores, que acabam influenciando na recepção da mensagem. Entre outras coisas, a verdade dependerá do contexto, dos sujeitos envolvidos e do valor que a informação tiver para quem estiver acessando a mensagem naquele determinado momento. Os padrões e modelos de beleza, por exemplo, existem pois existem pessoas que os seguem e os tem como verdade naquele momento. A própria mudança do conceito de beleza é decorrente de hábitos sociais de uma determinada época, um reflexo dos hábitos de um determinado povo naquele momento, uma relação social.

## **CONSIDERAÇÕES E SUGESTÕES**

O objetivo inicial deste trabalho era entender como a noção de verdade está relacionada ao desenvolvimento e à fruição de peças e campanhas publicitárias. O trabalho buscou apresentar uma genealogia da filosofia ocidental buscando construir um mapa conceitual que pudesse servir para comparar e analisar como os critérios da verdade se estabeleceram e se transformaram e como a teoria do conhecimento foi abordada e estudada em diferentes momentos da história. Por isso foram estudados três períodos da história da filosofia, e descobriu-se que a busca pela verdade é uma questão que motivou e guiou a história da humanidade.

A principal conclusão foi que existem diversos critérios de verdade que podem ser utilizados para validar um conceito e que a própria verdade é muito difícil de ser conceituada e não pode ser tratada de maneira absoluta. Os conceitos e teorias acerca da verdade que existem hoje são frutos de desenvolvimentos humanos, assim, os meios de comunicação não podem ser culpados nem inocentados da acusação de propagação de idéias distorcidas. Conclui-se previamente que os meios de comunicação possuem um





papel importante na formação de uma sociedade devido à sua abrangência e rápida penetração no público, porém, se o público estiver bem instruído poderá criticar a informação, ao invés de aceitá-la passivamente como verdade. Nesse sentido, análises de peças podem ser realizadas utilizando os conceitos apresentados. Fica como sugestão, comparar estas teorias ligadas à Filosofia da Linguagem com outras teorias da Comunicação e com outros critérios pragmáticos que determinam a ética (conduta) no campo amplo da Comunicação Social ou mesmo nas especificidades da Publicidade e Propaganda (Normas padrão, conselhos de regulamentação, código de defesa do consumidor, entre outros). Deve ficar claro que a opção teórica tratou apenas de um recorte (ou seja, não foram abordadas todas as teorias sobre a verdade, aliás as teorias apresentadas sequer foram trabalhadas ou confrontadas exaustivamente), o que ajuda na compreensão de que possivelmente existam outros caminhos para se elaborar mapas conceituais sobre noções de verdade na comunicação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEHLING, Hans Peder. **Comunicação e Linguagem no Ciberespaço**: Análise de curso de educação a distância da Unisul Virtual. Palhoça: Universidade do Sul de Santa Catarina, 2006. 183 p. Dissertação apresentada ao curso de mestrado em Ciências da Linguagem, Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, 2006.

CHAUÍ, Marilena. **Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000

COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da filosofia. Ser, saber e fazer**. São Paulo: Saraiva, 1999

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

JAMES, William. **Pragmatismo e outros textos**. São Paulo: Abril cultural, 1979

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2001

PEIRCE, Charles S. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2003

POGREBINSCHI, Thamy. **Será o neo-pragmatismo pragmatista?** [online] Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/nec/n74/29643.pdf>. Acesso em 05 de Outubro de 2008.

RORTY, Richard. **A filosofia e o espelho da natureza**. Rio de Janeiro: Relumedumará, 1994.